

III Congresso Internacional e V Nacional Africanidades e Brasilidades em Educação 23, 24 e 25 de novembro de 2020. Universidade Federal do Espírito Santo. GT Africanidades e Brasilidades em Educação e Relações Étnico-Raciais

A HISTÓRIA DAS IDEIAS PEDAGÓGICAS E A INVISIBILIDADE DAS PEDAGOGIAS DO MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO

Tânia Maria dos Santos¹

Aldieris Braz Amorim Caprini²

Resumo

O presente artigo é resultado de estudos e pesquisas parciais do mestrado em Ensino de Humanidades e visa discutir a invisibilidade das pedagogias do Movimento Negro Brasileiro na História das ideias pedagógicas no Brasil, a partir da obra de Dermeval Saviani, História das Ideias Pedagógicas no Brasil. O trabalho discorre sobre a periodização em que a obra foi organizada e que o autor afirma que o princípio para organização que distribuiu as ideias pedagógicas foi a noção de predominância ou hegemonia. Nesta periodização, discutimos a inexistência das pedagogias do Movimento Negro Brasileiro. Após um breve relato do Movimento Negro no Brasil e no Espírito Santo, discorreremos sobre as pedagogias oriundas dele: a Pedagogia Interétnica, que surgiu de uma pesquisa sobre relações sociais, realizada pelo Departamento de Ciências Sociais do Núcleo Cultural Afro-Brasileiro de Salvador, em parceria com a Universidade Federal da Bahia - UFBA, em 1978; a Pedagogia Multirracial, cuja precursora é Maria José Lopes da Silva, carioca, linguista, professora aposentada da rede

¹ Estudante do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades- PPGEH – IFES; ainat2008@hotmail.com

² Pós-Doutor em Educação pela USP e Doutor em Educação pela PUC/SP. Professor do Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades – IFES; acaprini@ifes.edu.br

municipal e estadual do Estado do Rio de Janeiro, militante do Movimento Negro e a Pedagogia Multirracial e Popular que surgiu, em Florianópolis, Santa Catarina, como proposição do Núcleo de Estudos Negros (NEN). Apontamos que, é imprescindível apresentar as proposições do Movimento Negro para a educação das relações étnico-raciais, e que, portanto, não podem ser invisibilizadas por proposições hegemônicas.

Palavras chave: ideias pedagógicas; invisibilidade; pedagogias do movimento negro brasileiro.

1- Introdução

Ao lançar, em 2007, o livro História das ideias pedagógicas no Brasil, Dermeval Saviani procurou discorrer sobre a evolução do pensamento pedagógico brasileiro com o objetivo de trazer uma visão ampla da história da educação brasileira. A obra está organizada em quatro períodos: primeiro período – as ideias pedagógicas no Brasil entre 1549 e 1759: monopólio da vertente religiosa da pedagogia tradicional; segundo período – as ideias pedagógicas no Brasil entre 1759 e 1932: coexistência entre as vertentes religiosa e leiga da pedagogia tradicional ; terceiro período – as ideias pedagógicas no Brasil entre 1932 e 1969: predomínio da pedagogia nova; quarto período – as ideias pedagógicas no Brasil entre 1969 e 2011: configuração da concepção pedagógica produtivista.

Ao tratar da periodização, Saviani (2007, p. 20) afirma que

À guisa de conclusão, cabe observar que o princípio de periodização que guiou a distribuição das ideias pedagógicas nos períodos indicados se baseia na noção de predominância ou hegemonia. Ou seja, a cada período corresponde a predominância de determinadas ideias pedagógicas, sendo isso o que diferencia os períodos entre si. Obviamente, essa forma de periodizar não deve excluir as ideias não predominantes, mesmo aquelas que jamais puderam sequer aspirar a alguma hegemonia. A história das ideias pedagógicas precisa, pois, incorporá-las em algum grau.

É sobre o mote da exclusão das ideias não predominantes que este texto procura alcançar, no que se refere às ideias pedagógicas produzidas pelo Movimento Negro no Brasil. Forde (2016, p. 61), a esse respeito infere

A questão racial, uma vez participante da agenda estatal brasileira, repercute uma série de ações na área educacional, que contribui para a emergência de novos estudos no campo da história da educação e, sobretudo, tenciona mudanças de paradigmas na educação brasileira. Na constituição desse cenário político, o movimento negro tem formulado um amplo de práticas, ações e programas das quais resultam um conjunto de pedagogias de base racial, também denominadas de: pedagogias do movimento negro brasileiro.

Antes de tratar das pedagogias produzidas pelo Movimento Negro, vale registrar um breve relato deste movimento. A história do Brasil, ditada, hegemonicamente, pela visão do colonizador, contribuiu para que, no imaginário social, houvesse uma naturalização da incapacidade das populações negras e indígenas. Gomes (2012, p. 5), argumenta que

A consideração da Europa ocidental vista como centro da civilização e da ciência moderna e entendida como forma acabada e universal de conhecimento implica a aceitação de que existe uma periferia. Uma periferia não só geográfica, mas econômica, política e racial. Trata-se de uma dicotomia produzida nos contextos de poder, uma divisão entre universos socioculturais separados por um abismo que se apresenta intransponível e que não possibilita a convivência e a copresença igualitária desses dois universos, suas culturas, conhecimentos e sujeitos. No entanto, tal situação pode ser indagada e superada. Para tal, estruturas profundas de poder e de desigualdade terão que ser mexidas.

2- O Movimento Negro no Brasil

Com o propósito de mexer nas estruturas profundas de poder que nasceu o Movimento Negro no Brasil. O movimento se divide em três fases: primeira fase – de 1889 a 1937, marcada por métodos de lutas, criação de agremiações negras, atos públicos e publicações em jornais. A segunda fase – de 1945 a 1964, onde há o protagonismo do teatro, dos eventos acadêmicos que tinham a intenção de sensibilizar a elite branca quanto aos problemas da população negra. A terceira fase – de 1978 aos dias atuais, marcada pelas manifestações públicas, comitês de base e movimentos nacionais.

O Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2013, p.7) traz em sua apresentação uma síntese da história do Movimento Negro:

No Brasil, as iniciativas para estabelecer uma educação plural e inclusiva perpassam todo o século XX. Entre os vários exemplos, destaca-se, nos anos de 1930, a Frente Negra Brasileira, que elegeu como um de seus compromissos a luta por uma educação que contemplasse a História da África e dos povos negros e combatesse práticas discriminatórias sofridas pelas crianças no ambiente escolar. Na década de 1940, o Teatro Experimental do Negro (TEN), liderado por Abdias do Nascimento, discutiu a formação global das pessoas negras, indicando políticas públicas que já se constituíam como as primeiras propostas de ação afirmativa no Brasil. A inserção da história da África e do negro no Brasil, no currículo escolar do país, foi defendida pelo Movimento Negro Unificado (MNU), uma das organizações do movimento negro brasileiro, em 1978. Ao longo da década de 1980, o Movimento Social Negro, intelectuais e pesquisadores da área da educação produziram um amplo debate sobre a importância de um currículo escolar que refletisse a diversidade étnico-racial da sociedade brasileira. No âmbito do movimento negro, a Marcha Zumbi contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida, em 1995, representou um momento de maior aproximação e reivindicação com propostas de políticas públicas para a população negra, inclusive com políticas educacionais, sugeridas para o governo federal.

Do contexto nacional para o regional, abarcamos também uma síntese da história do Movimento Negro no Estado do Espírito Santo.

3- O Movimento Negro no Espírito Santo

Segundo Forde (2016), no Espírito Santo, as representações do Movimento Negro Unificado (MNU) eram aqui chamadas Centros de Luta, que foram criados em Colatina, Alegre, Linhares, São Mateus e Cachoeiro de Itapemirim. O autor, a partir do estudo da práxis antirracista no Espírito Santo realizado pelo professor Cleber Maciel, destaca alguns grupos importantes que foram organizados em torno das escolas de capoeira, dentre eles o Gagazumba e Queimado. Esses grupos se desdobraram em outras organizações: Centro de Estudos da Cultura Negra, Grupo Raça, Grupo de Mulheres Negras do Espírito Santo, Associação de Mulheres Negras “Oborin-Dudú”, Grupo Afrocultural Abi-Dudu, Grupo Negra-ô, Grupo de Artes Cênicas Afro-Dandara, Grupo Nação Zumbi OJAB, Instituto Elimu

“Prof. Cléber Maciel”, Círculo Palmarino, Fórum Estadual da Juventude Negra. O autor destaca ainda a Comissão Quilombola Sapê do Norte e Coordenação Estadual Quilombolas do Espírito Santo Zacimba Gaba.

No tocante à educação, Forde (2016) ressalta que o Espírito Santo está entre os estados pioneiros em criar legislações relacionadas à obrigatoriedade do ensino da temática afro-brasileira nas redes de ensino.

Na condição de espaço educativo, o movimento negro tem contribuído formulando pedagogias pautadas no combate ao racismo e na ressignificação da história e da identidade cultural afro-brasileira, entre as quais destacamos: 1) a Pedagogia Interétnica desenvolvida em Salvador (BA), no final dos anos 1970; 2) a Pedagogia Multirracial desenvolvida no Rio de Janeiro (RJ), na segunda metade dos anos 1980; e 3) a Pedagogia Multirracial e Popular desenvolvida em Florianópolis (SC), no início dos anos 2000. (FORDE, 2016, p.251)

A seguir faremos um breve relato acerca destas pedagogias apontadas por Forde (2016).

4- As pedagogias do Movimento Negro

Segundo Lima (2011), as proposições pedagógicas pensadas pelo Movimento Negro incorrem à uma resposta do sistema educacional e sobretudo, à sociedade brasileira, para as causas da população negra. Neste contexto, surge no Brasil, na década de 70, o Núcleo Cultural Afro-Brasileiro (NCAB) e a Pedagogia Interétnica (PI) em Salvador; a Pedagogia Multirracial, no Rio de Janeiro, na década de 80 e a Pedagogia Multirracial e Popular, em Florianópolis, no início do ano 2000.

4.1 – A Pedagogia Interétnica

A Pedagogia Interétnica surgiu de uma pesquisa sobre relações sociais, realizada pelo Departamento de Ciências Sociais do Núcleo Cultural Afro-Brasileiro de Salvador, em parceria com a Universidade Federal da Bahia - UFBA, em 1978. A coordenação da pesquisa foi realizada pelos sociólogos Roberto Santos e Manoel de Almeida Cruz que contaram com a colaboração dos estudantes de Ciências Sociais da UFBA. O resultado da pesquisa apontou que o processo educacional, neste incluídos escola, família, comunidade e meios de

comunicação, é o principal responsável pela transmissão do preconceito racial e que só através dele poderia ser feito o combate. A partir desta constatação, foi elaborado um sistema pedagógico, com o objetivo de pesquisar e estudar o etnocentrismo e o racismo transmitidos pelo processo educacional, propondo medidas para combatê-los.

A Pedagogia Interétnica tem como base a concepção de uma linguagem total e utiliza os meios de comunicação, o teatro, palestras nas escolas e nas comunidades, para a discussão das causas e efeitos do etnocentrismo, preconceito racial e racismo no intuito de surgir uma nova escola que valorize os conhecimentos dos grupos étnicos subalternizados.

Os pressupostos metodológicos da Pedagogia Interétnica são: método curricular, dramaterapêutico e comunicativo. Os aspectos estruturantes são: histórico, culturoológico, antrobiológico, sociológico e psicológico.

Como procedimento metodológico, a fenomenologia insurge no momento em que o educador e o pesquisador precisam se desfazer de valores, ideias preconcebidas para a aplicabilidade desta pedagogia. O procedimento dialético, inerente à Pedagogia Interétnica exige uma postura crítica da realidade, para que haja a compreensão da essência dos fenômenos.

Cruz (1987, p. 76), sobre a Pedagogia Interétnica concluiu

A grande meta da pedagogia interétnica é o reconhecimento dos valores do homem enquanto membro deste ou daquele grupo. O homem, quer seja ele dinamarquês, bororó ou hotentote, é portador dos mesmos valores fundamentais, da mesma estrutura ontológica e do mesmo destino. É o ser que pensa, sente, quer e intui, está envolvido no projeto semiótico, produzindo e interpretando signos e códigos. [...] O mundo ocidental sempre se colocou no centro do universo, julgando-se senhor da verdade, atribuindo a si a exclusividade do pensamento, e da cultura. Hegel, em uma de suas obras, Introdução a História da Filosofia, nega aos outros povos a capacidade filosófica. Lembramos também de L. Brühl, que não reconhece os povos ditos primitivos a capacidade lógica de formulação de pensamento.

Finalizando, a pedagogia interétnica, não sei se exatamente à maneira da fenomenologia de Husserl, está preocupada e ocupada com a essência do ente humano, com sua libertação total, não somente através da interpretação da realidade, mas da sua transformação radical.

4.2 – A Pedagogia Multirracial

Maria José Lopes da Silva, carioca, linguista, professora aposentada da rede municipal e estadual do Estado do Rio de Janeiro, militante do Movimento Negro, é precursora da Pedagogia Multirracial, pela convicção de que a educação é fundamental na luta antirracista. Preocupava-se a professora Maria José, no âmbito do Movimento Negro, com o acesso da população negra à educação, bem como a permanência. O conteúdo que desconsiderava a herança ancestral africana era outra grande preocupação. Esses fatores levaram a professora a esboçar elementos para a indicação de uma pedagogia diferenciada. O primeiro elemento aponta a prática profissional que não fazia a discussão entre o elevado índice de exclusão e reprovação de estudantes negros e as relações raciais. A Pedagogia Multirracial atentará, segundo Lima (2009), “para a necessidade de evidenciar o pertencimento racial como dado fundamental na análise do debate sobre o fracasso escolar.”

O segundo elemento que contribuiu para que a professora Maria José fizesse a proposição de uma pedagogia diferenciada foi sua experiência como estudante de uma escola particular onde diz não ter recebido nunca um carinho de uma professora.

O terceiro elemento fundamental que impulsionou a professora para a sistematização de uma pedagogia multirracial foi sua militância negra e participação política em partido de esquerda. A experiência educacional em Angola e Moçambique, em tempos de descolonização, também foi fator preponderante.

Segundo Lima (2009, p.161)

Alicerçada por todas estas referências a pedagogia multirracial aponta como pontos fundamentais para seu desenvolvimento: problematizar os mecanismos que levam a exclusão e subalternização da população negra, para tanto a necessidade de apontar para o combate a democracia racial; ter a escola como um dos espaços de superação das desigualdades raciais, seja do ponto de vista de seus conteúdos, das metodologias educacionais, chegando até aos processos de avaliação.

A pedagogia Multirracial está apoiada em dois grandes tópicos. O tópico Fundamentos teóricos da Pedagogia Multirracial, subdivide-se em: redação de objetivos e perspectivas, redação dos fundamentos filosóficos e metodológicos, revisão e organização. O tópico que compreende a parte específica abarca propostas de reflexão por áreas específicas.

Lima (2009, p.175) a respeito da Pedagogia Multirracial reitera

Ao mesmo tempo, sem a preocupação de ampliar o foco de uma pedagogia que se denomina “multi”. Para seus formuladores, devido ao momento histórico era de fundamental importância afirmar o caráter de combate ao racismo, a partir de uma intervenção nos espaços educacionais. Segundo pudemos acompanhar, uma intervenção que fosse propositiva, já que pelo entendimento dos formuladores da pedagogia multirracial, esse período fora marcado pelo diagnóstico dos efeitos negativos do racismo sobre a educação. Portanto, se fazia mister produzir um instrumento que subsidiasse todos aqueles que entendiam o desafio do combate às desigualdades raciais.

4.3 – A Pedagogia Multirracial e Popular

A Pedagogia Multirracial e Popular surgiu, em Florianópolis, Santa Catarina, como proposição do Núcleo de Estudos Negros (NEN). Este Núcleo, após uma trajetória de discussões e protagonismos, traçou encaminhamentos para a formulação da pedagogia a partir da argumentação teórica de Maria José Lopes da Silva. A articulação entre a proposta do Núcleo de Estudos Negros e as redes de ensino, fez a ligação entre a pedagogia e a educação popular.

Lima (2011, p.278) elenca os princípios políticos da Pedagogia Multirracial e Popular:

1. Tem a luta contra o racismo como um princípio político pedagógico;
2. É uma pedagogia em construção coletiva;
3. Concebe que a realidade social brasileira é multirracial;
4. Declara e denuncia a existência da raça do racismo como construção político-social;
5. As pessoas são o centro da relação pedagógica;
6. A vida cotidiana dos grupos étnicos, raciais e culturais é a base dos saberes curriculares e das relações pedagógicas, valorizando a visão de mundo das várias matrizes culturais da história do negro, desde a África até os dias atuais;
7. Explicita as contradições sociais, as relações raciais e as desigualdades na sociedade brasileira;
8. Está centrada na pesquisa e na autoformação de educandos e educadores;
9. Entrelaça distintos campos das ciências humanas como antropologia, sociologia, psicologia, política, etc.;
10. Faz uma leitura crítica e contextualizada do mundo, de nossa realidade e da Educação no Brasil e no mundo;
11. Atravessa e problematiza outras formas de intolerância, discriminações e preconceitos como que afetam as relações de gênero, e a livre orientação sexual, a xenofobia e o sexismo;

12. Educação como um projeto político de transformação das injustas estruturas sociais e como projeto pleno de libertação humana, contra todas as formas de opressão e exploração.

A base da Pedagogia Multirracial e Popular são o “associativismo e o espírito comunitário construído no processo histórico da população negra” (LIMA, 2011, p. 296).

5- Considerações finais

Buscamos apresentar importantes proposições do Movimento Negro para a educação das relações étnico-raciais que, indubitavelmente, apresentam-se como um indicativo teórico-metodológico imprescindível para a implementação da Lei 10.639/03 e da Lei 11.645/08.

Os breves históricos aqui trazidos, não traduzem, nem de longe, a dimensão da luta incansável do Movimento Negro no sentido de provocar os sistemas educacionais a fazerem discussões para além dos seus limites, impostos por proposições hegemônicas.

O paralelo que trazemos entre a História das Ideias Pedagógicas no Brasil e as Pedagogias do Movimento Negro, teve o propósito de sugerir que estas pedagogias deixem de ser tentativas de propostas, como frisou o professor Gustavo Henrique Araújo Forde (2016) e entrem na periodização de uma futura publicação do professor Dermeval Saviani, acerca da história da educação brasileira, fazendo jus ao que ele diz no último parágrafo do seu livro

Não obstante, mantiveram-se análises críticas e focos de resistência à orientação dominante na política educacional, que tendem a se fortalecer, neste novo século, à medida que os problemas se agravam e as contradições se aprofundam, evidenciando a necessidade de mudanças sociais mais profundas. Nesse contexto, seria bem-vinda a reorganização do movimento dos educadores que permitisse, a par do aprofundamento da análise da situação, arregimentar forças para uma grande mobilização nacional capaz de traduzir em propostas concretas a defesa de uma educação pública de qualidade acessível a toda a população brasileira. (Saviani, 2007, p.451)

Uma educação pública de qualidade acessível a toda população brasileira passa, necessariamente, por uma educação que promova a igualdade, que valorize as diversas culturas que compõem o povo brasileiro.

Referências bibliográficas

BRASIL (2013). **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: Ministério da Educação. SECAD;SEPPIR, jun. 2009 Disponível em:<http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes_curric_educ_etnicoraciais.pdf>Acesso:03 jul. 2020.

CAPRINI, Aldieres Braz Amorim (Org). **Educação e Diversidade Étnico- Racial**. São Paulo: Ed. Paco, 2016.

CRUZ, Manoel de A. **Pedagogia Interétnica**. Salvador, 1987. Disponível em <[http://www. http://publicacoes.fcc.org. br.](http://www.publicacoes.fcc.org.br)> Acesso em: 08 jul. 2020.

GOMES, Nilma L. **Movimento negro e educação: resignificando e politizando a raça**. São Paulo, 2012. Disponível em <[http://www.cedes.unicamp.br.](http://www.cedes.unicamp.br)> Acesso em: 08 jul. 2020.

LIMA, Ivan C. **As pedagogias do movimento negro no Rio de Janeiro e Santa Catarina (1970-2000): implicações teóricas e políticas para a educação brasileira**. Fortaleza, 2009. Disponível em < <http://www.repositorio.ufc.br>> Acesso em: 11 jul. 2020.

LIMA, Ivan C. **Nossas persistências históricas: caminhos das pedagogias do movimento negro no Brasil**. João Pessoa, 2011. Disponível em < <http://www.periodicos.ufpb.br>> Acesso em: 07 jul. 2020.

MACIEL, Cleber. **Negros no Espírito Santo**. Vitória, 2016. Disponível em <**Erro! A referência de hiperlink não é válida.**>Acesso em: 10 jul. 2020.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.